

# PETZINE

apresenta



**VOLUME 6**

*Insubmissas*



## **Agradecimentos**

Para este volume, gostaríamos de agradecer especialmente à professora Andréa Carvalho Mendes de Oliveira Castro, que além de ser a nossa querida tutora do PET, ainda será a debatedora do CinePET do mês de março de 2024. Também, dedicamos esta edição a todas as mulheres.

## Sumário

Agradecimentos.....	3
CinePET do mês.....	5
Tudo Sobre Minha Mãe.....	5
Conversa com o curador.....	6
Corporalidade e Desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem.....	7
O tipo – Sarah Kay (traduzido por Kailany Barros).....	8
O Homem Pré-Histórico Também É Mulher: uma história da invisibilidade das mulheres.....	10
O Tráfico de Mulheres: notas sobre a economia política do sexo.....	11
As Emoções do <i>Care</i> .....	12
Narrativas do Cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com as plantas.....	13
Identidade, Diferença e Reconhecimento: um olhar sobre os movimentos de mulheres indígenas no Brasil e a pauta do enfrentamento à violência de gênero.....	14
Da Violência Epistemológica a Epistemologias Próprias: experiências de narrativas com mulheres cis periféricas, mulheres trans e travestis.....	15
A Feliz e Violenta Vida de Maribel Ziga.....	16
A Violência Sistêmica Atinge Pessoas.....	17
O Corpo: a travesti com deficiência.....	18
Candomblé: um ambiente de resistência e luta pela liberdade cidadã e o culto religioso da população das mulheres transexuais e das travestis.....	19
Mulheres trans que amam mulheres.....	20
Sentidos de Sexualidade entre Mulheres Idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão.....	21
mil e uma TrETAS.....	22
Questão de Química.....	23
PodProgramar.....	24
Álbuns.....	25
Charlotte matou um cara – Atentas.....	25
Bulimia – Se julgar incapaz foi o maior erro que cometeu.....	25
Playlist do PET.....	26
Cai de Boca no Meu B*c3t@o.....	27
Penélope (Depois de João) - Assionara Souza.....	28
Fale conosco.....	29

## CinePET do mês

### Tudo Sobre Minha Mãe

Esteban é um jovem aspirante a escritor que morre atropelado no seu aniversário de 17 anos após sair correndo desatentamente atrás de um autógrafa de uma atriz renomada. A morte acaba por ter contornos mais trágicos, uma vez que pouco antes do ocorrido, sua mãe, Manuela, prometera revelar ao garoto o paradeiro de seu pai desconhecido - coisa que o garoto estava cobrando, pois seria um elemento importante para sua história em andamento chamada "Tudo sobre a minha mãe". A morte de seu filho, desse modo, faz com que Manuela viaje até Barcelona para revisitar seu passado e resolver coisas pendentes.



## Conversa com o curador

*Texto por Victor Arthur Salles*

O que motivou a escolha desse filme foi a abordagem múltipla que Almodóvar tem ao se debruçar sobre as questões de gênero. O filme, desse modo, tem uma ótica muito diversa sobre o que é ser mulher, sem ter que recorrer a subterfúgios que as colocam em posições estereotipadas ou tão somente figurativas. Aqui nota-se uma intersecção entre noções feministas que se estendem desde a maternidade até a questões como transsexualidade e fraternalidade entre mulheres.

# Corporalidade e Desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem

*Texto de Sônia Maluf*

Sônia Maluf faz uma análise de Tudo Sobre Minha Mãe com destaque para a personagem travesti Agrado. Para tal, ela se vale da comparação com outros longas, aborda a noção de corporalidade e de construção do sujeito, assim como lança mão das teorias do corpo e da etnologia ameríndia brasileira. Ao propor a relevância de “experiências de margem” na renovação teórica dos estudos feministas, afirma como o filme revela o seu potencial transgressor aos mecanismos de poder naturalizados na sociedade ocidental. A antropóloga divide o artigo em três eixos de discussão sobre Agrado: ocultamento do corpo e corporalidade pública, relação entre desejo e natureza e o gênero nas margens. O primeiro se refere ao fato de que uma série de longas retratam experiências trans pela chave do ocultamento da identidade de gênero, enquanto a personagem de Tudo Sobre Minha Mãe não se esconde: exhibe seu corpo fabricado como veículo da vida. No segundo, Maluf propõe que a natureza substancial do filme não é a do corpo, mas a do saber e a do desejo. Aqui, o corpo é mecanismo de reterritorialização de sujeitos da margem: é o tornar-se um outro alguém que dá corporalidade ao sujeito de desejo. Por fim, por acreditar na capacidade de formas subversivas de se viver o gênero proporcionarem uma reflexão do corpo não anatômico, a autora estabelece um diálogo entre a reflexão sobre o corpo da margem e a etnologia indígena sobre o corpo ameríndio. Em um paralelo, com foco na experiência do devir sem fixação, na experiência de transformação como o mais autêntico em Agrado, a multinatureza de cosmologias indígenas é trazida à baila por ela.

*Leia o artigo na íntegra*



## O tipo – Sarah Kay

(traduzido por Kailany Barros)

"Todo mundo precisa de um lugar. Não deveria ser dentro de outra pessoa." —Richard Siken

Se você crescer sendo o tipo de mulher que os homens querem olhar,  
você pode deixá-los te olhar.

Não confunda os olhos com as mãos.  
Ou janelas. Ou espelhos.

Deixe-os ver como é uma mulher.  
Eles podem nunca ter visto uma antes.

Se você crescer sendo o tipo de mulher que os homens querem tocar,  
você pode deixá-los te tocar.

Às vezes, não é você que eles estão buscando.  
Às vezes é uma garrafa. Uma porta. Um sanduíche.

Um Prêmio Pulitzer. Outra mulher.  
Mas as mãos deles te encontraram primeiro.

Não se confunda com uma guardiã.  
Ou uma musa. Ou uma promessa. Ou uma vítima. Ou um petisco.

Você é uma mulher. Pele e ossos. Veias e nervos. Cabelo e suor.  
Você não é feita de metáforas. Nem de desculpas. Nem de justificativas.

Se você crescer sendo o tipo de mulher que os homens querem segurar,  
você pode deixá-los te segurar.

O dia todo eles tentam manter seus corpos eretos—  
mesmo depois de toda essa evolução, ainda parece pouco natural,

ainda aperta os músculos, tensiona os braços e a espinha.  
Apenas alguns homens querem aprender como é se encolher

num ponto de interrogação ao seu redor, admitir que não têm as respostas



que pensavam que teriam agora;

Alguns homens vão querer te segurar como se você fosse A Resposta.  
Você não é a resposta.

Você não é o problema. Você não é o poema  
ou a piada, o enigma ou a brincadeira.

Mulher. Se você crescer sendo o tipo que os homens querem amar,  
você pode deixá-los te amar.

Ser amada não é a mesma coisa que amar.  
Quando você se apaixona, é como descobrir o oceano

depois de anos pulando em poças. É perceber que você tem mãos.  
É estender a mão para a corda bamba quando as multidões já foram embora.

Não perca tempo se perguntando se você é o tipo de mulher  
que os homens vão machucar. Se ele te deixar com um coração alarmado

você pode aprender a cantar junto. É difícil parar de amar o oceano.  
Mesmo depois de te deixar ofegante, salgada.

Perdoe-se pelas decisões que você tomou,  
aquelas que você ainda chama de erros quando as aconchega à noite.

E saiba disso.

Saiba que você é o tipo de mulher  
que está procurando um lugar para chamar de seu.

Deixe as estátuas desmoronarem.  
Você sempre foi o lugar.

Você é uma mulher que pode construí-lo sozinha.  
Você nasceu para construir.



*Veja a autora  
declamando o  
poema por este  
QR code*

# O Homem Pré-Histórico Também É Mulher: uma história da invisibilidade das mulheres

*Livro de Marylène Patou-Mathis*

A obra de Patou-Mathis, uma arqueóloga francesa, busca divulgar algumas ideias já desenvolvidas no campo da arqueologia de gênero, campo da arqueologia que busca rever mitos e preconceitos recriados pela arqueologia de forma intencional ou acidental. Nesse livro a autora mostra como a ideologia patriarcal estava tão imbricada na mentalidade dos pesquisadores (e em grande parte, ainda está), que ao olhar o passado só conseguiam ver o mesmo sistema que existia em sua própria época, algo parecido com o que ocorre com a relação entre os povos europeus em contato com as culturas anti-Modernas.

Alguns mitos fundadores da Europa são os da “deuse-mãe” ou da fragilidade da mulher, ao olhar o passado, o que os pesquisadores, e aqui uso “os” no sentido masculino e não no tradicional neutro, viam mulheres limpando cavernas, sendo providas por homens fortes que as proviam (quase uma caricatura de pornochanchada). As mulheres, contrariamente ao que se acredita no senso comum, eram tão contribuintes, se não mais, que os homens nas necessidades coletivas, a ideia da “mulher-coletora” se contrapondo ao “homem-caçador”, criando a dieta da época que sabemos ser majoritariamente constituída de grãos, frutas e vegetais, com carne poucas vezes e em poucas quantias.

A autora mostra não só a história muitas vezes desconhecida das mulheres, já que essa foi escrita por e para homens, como também as intencionais mentiras que buscavam fortalecer o sistema patriarcal de gênero. Mulheres não foram, em nenhum momento, suportes para homens se tornarem heróis, caçadores, pesquisadores, etc, mas foram exploradas por homens para que esses últimos chegassem em posições de prestígio. A ideia de um matriarcado antigo que não permitia a evolução social é baseada na observação de grupos matriarcais sob o colonialismo, claro que não “evoluíam”, essa ideia de evolução é baseada no progresso e marcos ocidentais. Nenhuma mulher pré-histórica foi vista caçando, assim como nenhum homem foi visto fazendo isso, pois o que a arqueologia faz é reconstruir um passado não acessível, a ideia da mulher apenas como coletora também é uma tentativa de provar um ponto dentro do patriarcado, é preciso pensar um passado além do que o Ocidente fornece como possível.

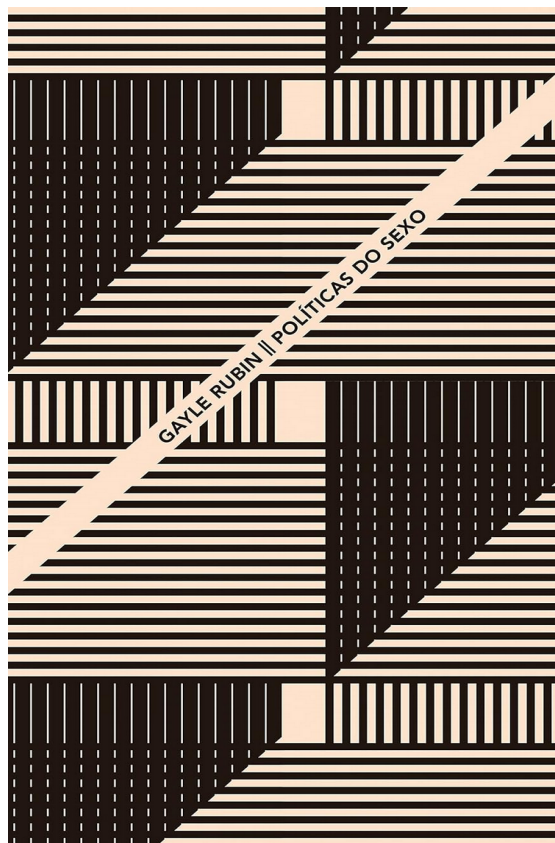


# O Tráfico de Mulheres: notas sobre a economia política do sexo

*Texto de Gayle Rubin*

Texto seminal para os estudos de gênero - e sobretudo os estudos da teoria feminista -, Gayle Rubin toma como ponto de partida três elementos de análise para a elaboração de sua tese: o trabalho reprodutivo feminino visto nas obras de Marx e Engels, o parentesco em Claude Lévi-Strauss e Marcel Mauss e a psicanálise de Freud e Lacan. Nesse sentido, a autora afasta as concepções que circunscrevem as dinâmicas de gênero da sua natureza tão somente biológica e posiciona no campo do social: as mulheres se tornam mulheres a partir do momento em que se inserem numa sociedade e cumprem com determinado papel.

Embora tome como base teórica a psicanálise, a sociologia, a economia política e a antropologia para a elaboração deste ensaio, Rubin mantém um diálogo crítico com esses campos do conhecimento. Isto é, ela vê que, apesar destes autores oferecerem um pano de fundo teórico muito eficiente, ainda há de se avançar nessas questões principalmente no que se estende ao papel da mulher enquanto agente social e não apenas um objeto passivo.

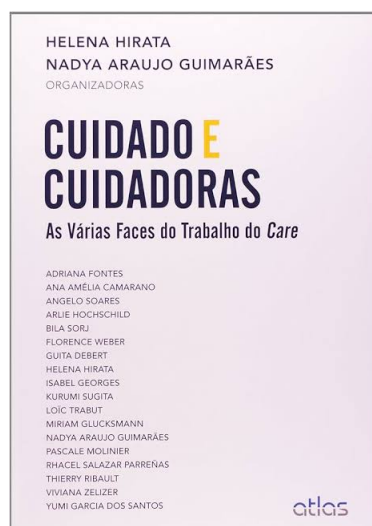


*O texto pertence ao livro "Políticas do Sexo"*

# As Emoções do Care

Texto de Ângelo Soares

Em *As emoções do care*, Ângelo Soares lança luz sobre a relação entre a pessoa que cuida e a que é cuidada e enfoca o aspecto emocional envolvido nesse serviço. Ao longo do texto, relatos de cuidadoras são trazidos à tona para se pensar as ocupações que compõem o quadro do trabalho de cuidado (*care*), as quais dizem respeito àquelas fundamentais para a manutenção da vida, sejam relacionadas ao corpo ou ao ambiente. Segundo o sociólogo, os indivíduos que são parte das relações envolvidas nessas atividades dão o tom do cuidado - relações tais perpassadas por assimetrias históricas de poder quanto à raça, classe, gênero e idade. Assim, não um encontro, mas como uma interação, a maneira como o *care* é construído é fundamental para a experiência tanto da cuidadora quanto de quem é cuidado. Dado que se origina na família, carrega daí sua invisibilidade. Soares elenca algumas dimensões do trabalho de cuidado, como a física, que engloba o esforço físico mobilizado no deslocamento da pessoa cuidada; a cognitiva, que se refere à atenção à medicação do enfermo. Tem-se, também, a sexual, em que há um contato corpo a corpo entre as duas pessoas no cuidado, o que pode produzir constrangimentos à prestadora do serviço, algo inexistente em algumas ocupações. Na dimensão relacional, exige-se a paciência e a capacidade de tolerar erros, incômodos, etc., cuja ausência não é bem recebida na interação. Como as emoções são corporalizadas, a dimensão emocional diz respeito à necessidade de gestão das próprias emoções e do outro, a fim de que o trabalho se efetive. O sociólogo destaca a divisão sexual do trabalho emocional, a qual exige que as mulheres expressem delicadeza, empatia, gentileza, ao mesmo tempo que sofrem mais abusos - de diferentes maneiras. Pela preocupação com a família e por tolerarem tal violência, possuem uma sobrecarga de trabalho emocional. O amor e o carinho, ainda, são tarefas historicamente relegadas às sombras, mesmo que constituintes do *care*.



O texto pode ser encontrado no livro *“Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care”*

# Narrativas do Cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com as plantas

*Texto de Fabiana Maizza e Joana Cabral de Oliveira*

Se inicia o texto com uma pequena revisão dos trabalhos de etnologia na Amazônia e Guianas, recuperando o trabalho de Vivieros de Castro e de Rivière e Overing, usando principalmente a última autora que desenvolveu críticas feministas a modelos masculinistas às sociedades indígenas, em especial aos escritos de Rivière, que reproduzia esses modelos de forma pouca crítica, especialmente por seguir uma antropologia inspirada em Meillassoux. Propondo que o objetivo do artigo é uma “especulação feminista”, as autoras volta ao texto *“Of women, men and manioc”*, reanalizando-o sob a ideia de que o trabalho de cuidado é, menos uma ação monótona, e mais uma ação cosmopolítica. Overing já tecia críticas a Rivière, como a de, contrário ao autor, ela defendia que em sociedades igualitárias como da Amazônia, a diferença sexual também é igualitária, enquanto o antropólogo defendia pensar a escassez das sociedades amazônicas nas mulheres como recurso a ser controlado. Strathern critica a antropologia marxista que vê com olhos ocidentais as sociedades indígenas, em que o trabalho como criador de propriedade seria essencial a análise, mas tais povos não tinham essa concepção para si, assim como a nessa antropologia a mulher estando no ambiente doméstico estaria “incompleta”, que é rebatido com as mulheres sendo sujeitos sociais essenciais em todos os ambientes. As autoras do artigo são ambas indígenas e comentam sobre a realidade dos povos a que pertencem, Jarawara e Wajãpi respectivamente. No primeiro povo, o roçado não é responsabilidade da mulher, tanto elas quanto homens cuidam do mesmo, sendo dependente da vontade e desejo de cada um o quanto trabalha. No segundo, o plantio e a roça tem grandes perigos para os que nela trabalham. As relações de cuidado não devem ser pensadas como sempre harmoniosas e afetivas, um pensamento que coloca quem normalmente os produz numa posição de segurança e proteção.

“Poderíamos então dizer que aquilo que Rivière entende como a ‘prática de liberdade’ e do ‘fazer político’ não é exclusivo da caça (e nem do xamanismo), mas engloba também o cuidar com plantas nessa via de mão dupla que é a própria forma da relação.”



*Confira aqui o texto*

# **Identidade, Diferença e Reconhecimento: um olhar sobre os movimentos de mulheres indígenas no Brasil e a pauta do enfrentamento à violência de gênero**

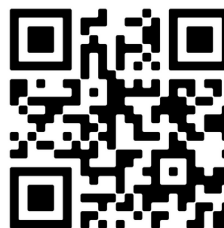
*Texto de Jaqueline Reginaldo de Almeida, Rosângela Angelin e Osmar Veronese*

A partir de uma análise dos movimentos sociais de mulheres, e mais especificamente de mulheres indígenas, as autoras buscam como estas “empunham a pauta do reconhecimento identitário, denunciando e buscando alternativas contra as violências sofridas dentro das próprias comunidades, assim como na sociedade envolvente”. Primeiro é exposto a forma que a identidade se constrói, isso é, pela diferença dentro de sistemas de significação, e considerando a mudança histórica de grupos e identidades, esse Outro que define a identidade não pode ser biológico ou essencializado, pois se altera historicamente, importante notar também que não se trata de um binarismo simétrico, mas que a formação de identidade cria um polo positivo e outro negativo.

A partir de então, as autoras buscam uma definição de movimento social, para que assim a análise seja precisa sobre o objeto de estudo, definindo a partir da ação coletiva com certas táticas que buscam reconhecimento ou redistribuição de renda. Movimentos sociais, em especial na América Latina, são ligados a movimentos sindicais, onde esses grupos conseguem melhor reconhecimento e melhores estruturas de reivindicação de direitos. Os indígenas então, e mulheres indígenas em especial, são alvos centenários da eliminação do Outro feita pelo Ocidente e seu sujeito “universal”. A mulher indígena é vítima da colonização, do racismo e da imposição de um sistema de sexo/gênero no qual é inferior e deveria ser colocada em um espaço isolada para ser tutelada por homens (primeiro o pai e depois o marido).

Partindo da forma como se organizam povos indígenas, se reflete sobre como o Direito não pode ser aplicado da mesma forma, já que muitas vezes faltam recursos para as atividades necessárias do cumprimento da lei. O movimento das mulheres indígenas é especialmente importante por lidar nesses contextos, pois sabendo das dinâmicas internas do povo em questão, assim como cientes de seus direitos, esse movimento é o melhor para informar sobre as necessidades de mudanças para a efetivação do direito da mulher e do indígena.

*Leia o artigo aqui:*



# Da Violência Epistemológica a Epistemologias Próprias: experiências de narrativas com mulheres cis periféricas, mulheres trans e travestis

*Texto de Laiz Maria Silva Chohfi, Jailton Bezerra Melo, Paola Alves de Souza*

O texto fala sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres cis periféricas, mulheres trans e travestis na construção de suas próprias epistemologias no campo das ciências. Baseado em três teses de doutorado, destaca a escassez de conhecimento produzido por essas populações e a existência de obstáculos como a sobrevivência, a permanência no ensino e a validação do conhecimento não hegemônico. Aponta um descompasso entre as políticas educacionais vigentes e as experiências reais, evidenciando a falta de investimento para a permanência estudantil e a inovação epistemológica. Do mesmo modo, destaca a importância da comunicação de saberes populares como estratégia de resistência e contraponto ao saber acadêmico hegemônico, ressaltando a necessidade de superar as violências e iniquidades em saúde que afetam essas populações minoritárias.

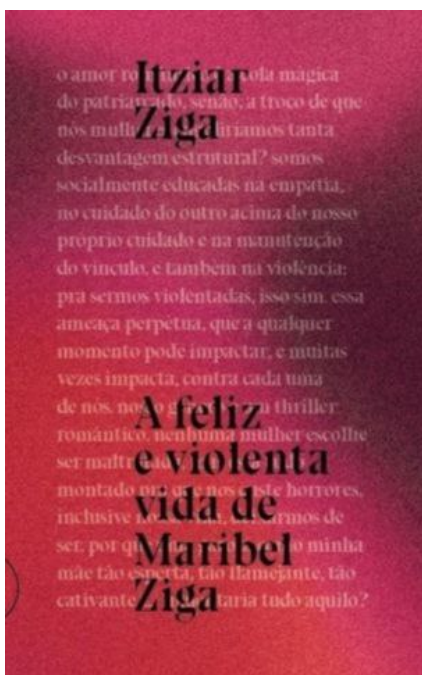


*Ficou interessade?  
Acesse pelo QR code*

# A Feliz e Violenta Vida de Maribel Ziga

*Livro de Itziar Ziga*

Esse livro se trata de, em alguma medida uma biografia da mãe da autora, Maribel, que é comentada de forma não linear por Itziar. O que traz a recomendação dessa obra é que, assim como muitas mulheres, Maribel e suas filhas viviam o abuso psicológico e físico do homem. Embora o assunto seja pesado (a violência patriarcal sempre é), Itziar luta para nos contar sua história para enfrentar uma das ferramentas sistêmicas de submissão das mulheres, isso é, a de fazer as vítimas trem vergonha de contar suas histórias, pois no contar elas podem se juntar, se entender, e buscar alternativas aos problemas. É contando da vida da avó, da mãe, da irmã e dela própria, que a autora destrói o pacto de silêncio do patriarcado e do sistema de gênero. O patriarcado é um dos componentes do sistema do qual vivemos que tem uma particularidade pouca comentada: o proletário não vive na mesma casa que o burguês, nem mesmo os latifundiários com os desterrados por ele (também por isso casais interracialis são considerados desviantes), mas já que estamos em um sistema baseado na família hétero-nuclear, em todas as casas um homem e uma mulher estão juntos (além disso, é importante ressaltar como o patriarcado junta os homens e separa as mulheres, em cada homem da casa, temos todos os homens, enquanto em cada mulher, mais se tenta deixá-la só). Itziar Ziga não apresenta apenas uma biografia, mas um estudo profundo sobre a história própria e da mãe, conversando com os estudos mais recentes de feminismo. Longe de ser um livro construído no ressentimento (o ressentimento é uma base para o patriarcado), é uma máquina-livro que busca produzir ação e ligação, mostrando táticas de combate ao patriarcado e como amor-próprio e entre pessoas dissentes (mulheres, homens trans, não-binárias, afeminados, *dykes*, etc) é essencial para vivermos.



“Meu *aita* [pai em euskera] se chamava Ramón, Ramón María Guindo Liberal, e acreditava em reencarnação. Aposto que teria adorado voltar a este mundo e não machucar as mulheres que amava. E ser mil vezes mais feliz que foi. Chorei muito quando ele morreu, chorei amargamente sua solidão e seu fracasso. Também por ele luto pra derrubar o patriarcado: não quero que siga fabricando homens que são abismos, nem mulheres que caem no abismo por amá-los.”



## A Violência Sistêmica Atinge Pessoas

Infelizmente a realidade de mulheres e outras identidades desviantes da norma não é a de conforto, mas a de constante luta pelo existir e viver, por isso, caso sinta necessidade, apresentamos alguns contatos que podem ser interessantes para denúncias e de apoio a situações que podem acontecer.

Para denunciar violências ocorrendo no momento da ligação o número 190 da Polícia Militar, já violências que já ocorreram é recomendado o número 197 da Polícia Civil, denúncias anônimas podem ser feitas pelo telefone 181. A UFPR conta com o Núcleo de Apoio e Acolhimento de Denúncias, que “é responsável por acolher, escutar, orientar as vítimas de discriminação, assédio, e ou violência, acompanhando as denúncias de violação dos Direitos Humanos”. Esse Núcleo funciona sob sigilo, e pode ser contatado por (41)3310-2699, ou ainda pelo e-mail acolhe.sipad@ufpr.br, funcionando também presencialmente no prédio histórico, com os horários de funcionamento das 8h-12h e 13h-17h.

Situações de violência, seja de qualquer tipo, não são fáceis de lidar, mas não podemos aceitar que aconteçam e a criação de redes de apoio podem amenizar perigos e dores dessas situações. Nem toda história de violência com o agressor termina tragicamente, podemos reverter essa situação, quebrar o pacto de silêncio faz parte dessa luta. Não sinta pressão de fazer isso caso uma denúncia signifique riscos a sua integridade, planeje como fazer isso (ou não fazer), nossa vida não é um filme, peça ajuda, você não está sozinho.

Os dados de violência são alarmantes, podemos pensar que não conhecemos uma vítima, mas ela conhece você. Abra espaço para que ela se expresse, mostre apoio e ajude ao não revitimizá-la, muita ajuda pode sufocar qualquer possibilidade de ajuda. Como já disse, nossa vida não é um filme, tentar ajudar sem ter tido um convite e consentimento explícito e espontâneo pode também criar mais problemas. O estudo e compartilhamento de autodefesa, nas suas mais diversas áreas (não podemos pensar nisso apenas como algo físico), é essencial, assim como a criação e expansão de grupos de apoio mútuo entre pessoas divergentes, radicais e que buscam um novo existir, para além da violência patriarcal, racista, machista, colonialista, capacitista, especista, transfóbica, lesbofóbica, homofóbica, etc.



“Autodefesa de Bonecas” pode ser útil para muitas pessoas

## O Corpo: a travesti com deficiência

*Texto de Luana Rayalla*

Um dos artigos do livro “Gritarias Epistêmicas: (r)existências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil”, organizado por Megg Rayara G. de Oliveira, Letícia Carolina de Jesus e Jaqueline Gomes de Jesus, se inicia com o questionamento sobre quais corpos são considerados bonitos. Após isso, se explicita como a “beleza” é uma ferramenta política que serve para uma ditadura de controle dos corpos, mas onde fica o corpo da travesti com deficiência nesse ideal de beleza? Nesse caso, a beleza está diretamente atrelada à ideia de passabilidade de pessoas trans, isso é, o quanto elas podem passar despercebidas de não serem cis, um padrão objetivo para beleza, mesmo enquanto se fala que beleza é algo subjetivo. Ainda mais quando se adiciona o fator da deficiência, temos aqui duas falsas simetrias, a busca de um corpo trans passável e ainda ter a deficiência.

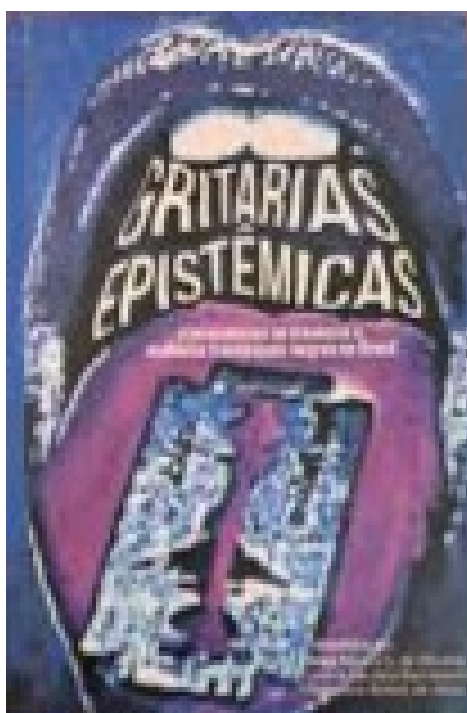
A forma como corpos trans e com deficiência são vistos escancaram como a construção do que é belo não, de forma alguma, subjetivo, mas objetivo, apenas com possibilidades de escolha dentro de um *set* pré-definido. A autora, ela mesma se encaixando nesse caso, conta como a aceitação e o amor próprio foram essenciais para conseguir lidar com dismorfias e disforias, essas questões que aparecem ao ver no próprio corpo algo que não se encaixa no padrão imposto, e assim se sentir desconfortável com ele. As reflexões deixadas por Luana são básicas para questionar, você já amou alguém com deficiência? Já achou linda uma pessoa trans com deficiência? Apreciou a beleza de uma travesti?

# Candomblé: um ambiente de resistência e luta pela liberdade cidadã e o culto religioso da população das mulheres transexuais e das travestis

*Texto de Fernanda de Moraes da Silva*

Dentro dos recintos religiosos se reproduz uma educação baseada nos valores civilizacionais e ocidentais, recusando e inferiorizando corpos trans, se reforçando isso com os marcadores de raça, gênero, classe e etnia. O artigo busca entender a realidade das transexualidades, travestilidades e transidentidades em religiões de matriz africana e religiosidade afro-brasileira. Buscando ser breve, a autora explica então a origem do candomblé no Brasil e na África, é uma religião derivada do animismo africano, mas ela própria sendo anímica (de anima, ou alma). No candomblé se cultuam Òrísás, ou Orixás, estes sendo, em alguma medida, significantes de energia, força, natureza e suas variações. Das cerca de cinquenta deidades que existem em África, no Brasil o foco está em doze.

Nessa religião, o que é essencial é o bom caráter, sendo que a generificação dos corpos algo que foge das necessidades do culto. A autora nota que existiram tempos em que o culto era limitado ou interdita a pessoas trans e homossexuais, mas que hoje existe um forte movimento contra-hegemônico de enfrentamento ao sistema cis hétero, o que possibilita maior aceitação de pessoas divergentes do ideal imposto. Os Òrísás não se importam com o “sexo” da pessoa, pois existem uma certa distinção entre “cabeça” e “corpo” impossível de ser biologizada.



*Tanto este texto quanto o anterior fazer parte do livro "Gritarias Epistêmicas: (r)existências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil"*

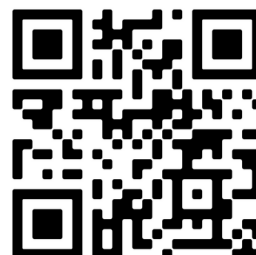
## Mulheres trans que amam mulheres



Rosa Luz, artista multimídia, trabalha para a construção de novas narrativas e quebra de paradigmas hegemônicos. Vivendo e trabalhando entre São Paulo e o Distrito Federal, sua obra inclui performances e séries fotográficas expostas em instituições como MAM São Paulo, Bienal de Curitiba, MASP, Paço das Artes e na feira internacional SP-Arte. Além disso, é dona do canal do YouTube “TNA - Trava nas artes”, no qual publica vídeos com variados temas. Em um desses vídeos, denominado “MULHERES TRANS QUE AMAM MULHERES: ORIENTAÇÃO SEXUAL x IDENTIDADE DE GÊNERO #Visibilidadelésbica”, a artista mostrou uma espécie de material bônus de um vídeo, este com o título “Uma conversa com mulheres trans que amam mulheres | BARRACO DA ROSA”, realizado para o canal do YouTube da Carta Capital. Neste material, são mostradas entrevistas com dois casais sáficos, compostos por uma mulher trans e uma mulher cis, que compartilham suas experiências individuais e enquanto casal.



Assista o vídeo aqui



Acesse o canal  
de Rosa Luz aqui

# **Sentidos de Sexualidade entre Mulheres Idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão**

*Texto de Estephania de Lima Oliveira, André Luiz Machado das Neves, Iolete Ribeiro da Silva*

O artigo aborda os sentidos de sexualidade entre mulheres idosas, explorando como elas constroem suas identidades sexuais na terceira idade. Utilizando conceitos da psicologia sócio-histórica, a pesquisa analisou as experiências das participantes por meio de entrevistas individuais. Os discursos das idosas revelaram a complexidade das experiências sexuais na velhice, desafiando estereótipos e normas sociais. Com isso, a pesquisa contribui para uma reflexão mais ampla sobre a sexualidade na terceira idade e a importância de considerar as experiências individuais e contextuais das mulheres idosas.



*A leitura do artigo  
está disponível  
integralmente pelo  
QR code*

## mil e uma TrETAS



Apresentado por Thaila Ayala e Júlia Faria, o videocast se propõe a discutir os diversos aspectos relacionados às maternidades, desde o parto, a amamentação e o sono do bebê até temas como relacionamento, luto, retorno ao mercado de trabalho, etc.

Novos conteúdos são lançados semanalmente e cada episódio conta com a participação de dois convidados que, juntos das apresentadoras, colocam na roda todas as dores, alegrias e (re)descobertas da parentalidade.

Os episódios possuem títulos bastante auto explicativos, o que facilita muito na hora de procurar o tópico de seu interesse. Alguns exemplos de episódios são Giovanna Ewbank e Gabi Oliveira, no episódio “#36 - FILHO É FILHO”, contando suas experiências com a adoção de seus filhos, Fernanda Paes Leme e Mônica Martelli no episódio “#05 - PERDI MEU BEBÊ”, conversando sobre suas perdas gestacionais, Marcela Tiboni e Paulo Tardivo no episódio “#31 - PARENTALIDADE LGBTQIAP+”, compartilhando suas parentalidades não héteras, ou ainda Ana Paula Padrão e Thalyta Rebouças em “#27 - NÃO QUERO SER MÃE” explicando que não possuem qualquer interesse em terem filhas.



*Caso tenha interesse,  
acompanhe o podcast  
pelo QRcode*

## Questão de Química



Adaptada de um livro, escrito por Bonnie Garmus, a série mostra o início da década de 1950, em um mundo dominado por normas patriarcais, Elizabeth Zott ousou desafiar as expectativas impostas às mulheres de sua época. Ela era uma mulher, química e mãe solteira, ansiando por mais do que o papel de dona de casa e cuidadora, embora o mundo ao seu redor insistisse que esse era o seu lugar “adequado”. Determinada, ela lutou contra as correntes do sexismo e do preconceito, enfrentando desafios que muitos homens sequer ousariam imaginar. Nesse cenário, o que resta é fazer o melhor com o que a sua realidade permite, quando em paralelo a sociedade queria lhe impor que ensinasse seus dotes culinários como uma dona de casa obediente que esperava o marido voltar para casa. Assim, ela transforma um simples programa de culinária em uma plataforma para promover o conhecimento da química, em que cada refeição preparada por Elizabeth não era apenas uma experiência gastronômica, mas também uma aula magistral sobre os princípios fundamentais da química. Seu programa ecoava em lares por toda parte, ecoando uma mensagem de empoderamento e possibilidade para mulheres que há muito haviam sido marginalizadas. Desse modo, seus feitos transcendiam as fronteiras do gênero, inspirando não apenas outras mulheres, mas todos aqueles que ousavam sonhar além das limitações impostas pela tradição.

# PodProgramar

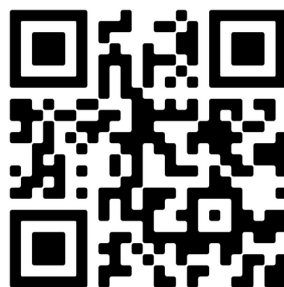


Com uma proposta bastante diferente e apresentado por Jessi Zanelato e Ana Eliza, desenvolvedoras, o podcast é focado em programação com linguagens como PHP, Machine Learning, Javascript etc, além de notícias e histórias da área. Para tal, são trazidas convidadas para os debates, que intercalam entre estes serem da área e não, como, por exemplo, em “PP #87- Linguagem de programação Go” a convidada é a influenciadora Bianca Andrade, a Boca Rosa ou em “PP #75 - Profissão Arquiteto de Software”, Rodrigo Reis, especialista da área, compartilha sua jornada até a profissão.

Um ponto interessante é que, caso ouça o material pelo site ([podprogramar.com.br](http://podprogramar.com.br)), ficam disponíveis na descrição os links citados no episódio e o contato das convidadas.

Até o momento, o podcast possui 92 capítulos e, infelizmente, não são lançados novos desde maio de 2021 pelo site e outubro de 2020 pelo Spotify, mas o material continua disponível integralmente, em diversas plataformas digitais e no próprio site do podcast.

*Os episódios disponíveis  
são encontrados por aqui*

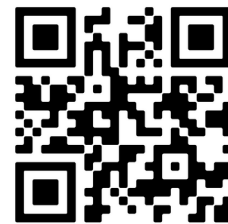




## Álbuns

### Charlotte matou um cara - Atentas

Lançado em 2016, esse álbum se trata de um conjunto de músicas pertencentes ao subgênero riot grrrrl. Este, por sua vez, é um subgênero do punk hardcore cujas letras reforçam um compromisso candente com temas feministas. A julgar pelo ano em que foi lançado, nota-se que as letras refletem um período político turbulento em função da fragilidade em que a posição da ex-presidente Dilma Rouseff se encontrava naquele tempo.



### Bulimia - Se julgar incapaz foi o maior erro que cometeu

Pioneiras do riot grrrrl no Brasil, a banda Bulimia tem como horizonte temático principal nas suas letras o feminismo e o anti-sexismo. Nesse sentido, esse álbum se torna uma obra de vanguarda na medida em que busca dar espaço para as mulheres no cenário punk que, embora tenha em seu *ethos* uma atitude combativa e contestatória, ainda é permeado por contradições de gênero em função de sua predominância masculina.



## Playlist do PET

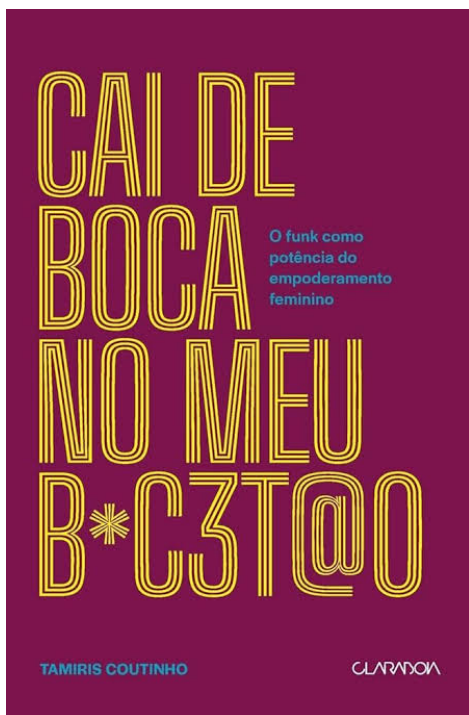
Contando com nomes como Elza Soares, Mc Carol, Fiona Apple, Urias, Alcione, entre outros, a playlist traz músicas que abordam temas como violência doméstica, padrões de beleza, empoderamento e sexualidade femininos, sororidade e muito mais. Aproveite!



*Ouçã a playlist que criamos especialmente para esta edição do zine pelo QR code ao lado*

# Cai de Boca no Meu B\*c3t@o

*Livro de Tamiris Coutinho*



Polêmico antes mesmo de virar livro, o trabalho de Tamiris Coutinho, originalmente realizado para ser o seu trabalho de conclusão de curso em relações públicas pela UERJ, teve como tema escolhido o funk feminino e empoderamento. A ideia se deu a partir do evento Liberta, DJ!, a fim de debater o funk sob vários aspectos com nomes importantíssimos como DJ Malboro e MC Sabrina. Já o título, foi inspirado em uma música de Ludmilla, interpretada por MC Rebecca.

Cai de Boca no Meu b\*c3t@o conta as origens do funk e como a mulher se envolveu com o gênero musical, além de relatar acusações genéricas e incompatíveis com a realidade bruta das favelas, que o movimento sofreu. Por exemplo, a obra traz reflexões acerca de como a criminalização do funk envolve questões como racismo e preconceito de classe, que vêm desde os anos 1990. Além disso, explica como a mídia tradicional foi a grande difusora da associação do funk e do funkeiro a traficantes, bandidos e promotores da desordem.

Este trabalho acarretou em diversos ataques misóginos contra Tamiris, incluindo o do presidente da Fundação Palmares, Sergio Camargo. Entretanto, trata-se de uma contribuição a um assunto muito pouco explorado, que parte da sociedade prefere ignorar e, muitas vezes, atacar.

## Penélope (Depois de João) - Assionara Souza

Uma mulher sozinha não tece uma manhã:  
Ela precisará sempre de outras mulheres  
De uma que apanhe o seu grito  
E o lance a outra, de uma outra mulher  
Que apanhe o grito anterior de uma mulher  
E o lance a outra, e de outras mulheres  
Que com muitas outras mulheres se cruzem  
Os fios de sol de seus gritos de mulher,  
Para que a revolução, desde uma teia tênue,  
Vá se tecendo, entre todas as mulheres.

E se encorpando em bordado, entre todas,  
se erguendo manta, onde entrem todas,  
se entretecendo para todas, no toldo  
(a revolução) que planta livre  
de armação  
de impedimentos  
de violências  
de incompreensão  
A revolução, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: uma nação.



## Fale conosco

Esse zine é resultado de um projeto coletivo do grupo PET (Programa de Educação Tutorial), que atualmente conta com os integrantes Alessa Coelho Lauriano, Ariel Gomides Ferreira, Breno Bach Taques Camargo, Eduardo Henrique Leão Ruaro, Fernanda Tomazini, Hector Prestes, Hericsson Bueno Marchiorato, Juliana Thiemi Muraoka Vicente, Kailany Pereira Barros, Márcio Rocha e Victor Arthur Salles Teixeira, além da tutora Andrea Carvalho Mendes De Oliveira Castro. Outras atividades também são desenvolvidas pelo grupo, tais como: o CinePET, atividade na qual são exibidas produções fílmicas acompanhadas por debates e discussões de ordem social; o PETcast, onde conversamos com professores e pesquisadores convidados sobre suas pesquisas e trajetórias; PETmídias, em que divulgamos nossas atividades e produzimos posts de indicação de leituras, filmes ou séries.

É importantíssimo destacar que a existência do grupo PET só é possível devido ao investimento público nas Universidades.



Instagram: @petcsufpr



e-mail: csociaispet@gmail.com



youtube: @petcienciassociaisufpr



spotify:

